

DOI:[10.20396/rfe.v14i1.8668099](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8668099)

## Mapeamento do método fenomenológico nas pesquisas em educação no Brasil

Rafael Belo<sup>1</sup>Luís Paulo Leopoldo Mercado<sup>2</sup> 

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de mapear dissertações e teses brasileiras, na área da Educação, que utilizaram-se da Fenomenologia como abordagem metodológica. O levantamento foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes, no qual encontrou-se 1.142 registros, dos quais 89 foram analisados, referentes aqueles orientados pelos pesquisadores com maior número de orientações nesta perspectiva. Constatou-se um aumento da presença da Fenomenologia nos estudos da área da Educação, além da grande diversidade de procedimentos adotados. Identificou-se, ainda, a presença marcante da Hermenêutica, em detrimento de pesquisas fundadas exclusivamente na Fenomenologia Estrutural.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Metodologia de pesquisa. Pesquisa educacional.

## Mapping the Phenomenological Method in Education Research in Brazil

### Abstract

This paper aims to map the production of Brazilian dissertations and theses that proposed the use of Phenomenology as a research method in the area of Education. The survey was conducted at the Capes (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel of the Ministry of Education of Brazil) Thesis and Dissertation Bank, with a record of 1.142, of which 89 studies were analyzed, referring to researches oriented by researchers with the largest number of orientations in this perspective. It was found that studies in the field of education situate phenomenology with great diversity, in terms of the framework used and its methodological procedures.

**Keywords:** Phenomenology. Research methodology. Education research.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Professor do curso de Pedagogia do Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. E-mail: rafaelbelo\_paz@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL, Brasil. E-mail: luispaulomercado@gmail.com

## 1. Considerações iniciais

Surgida no final do século XIX, a Fenomenologia tornou-se uma alternativa ao modelo positivista de ciência. Entre os principais responsáveis pela elaboração de seus pressupostos e estrutura filosófica temos nomes como Franz Brentano, Edmund Husserl, Martin Heidegger e Merleau-Ponty. Assim como o Marxismo, a Fenomenologia permitiu às Ciências Humanas possibilidades de desenvolvimento não baseadas no objetivismo da Ciência Clássica. No campo da Educação, aqueles que melhor a expressaram em uma metodologia pedagógica foram Carl Rogers, com a Abordagem Centrada no Aluno, e o brasileiro Paulo Freire, com um método pedagógico eminentemente dialógico. Já quando se trata da Fenomenologia como campo da pesquisa empírica, a referência mais citada é o americano Amedeo Giorgi, que desenvolveu seus estudos na segunda metade do século XX a partir do método fenomenológico de Husserl.

De acordo com Gamboa (2003), no Brasil a Fenomenologia surge no campo da pesquisa educacional na segunda metade da década de 1970, ao lado de um debate acerca das abordagens quantitativas e qualitativas, classificado pelo autor como um “falso dualismo epistemológico”. De forma reducionista, na época, a pesquisa quantitativa era relacionada com o positivismo, e o método qualitativo à fenomenologia, excluindo outras possibilidades de entendimento científico, tal qual a perspectiva crítico dialética ou o materialismo histórico.

Gamboa (2003) e Roach (2008) citam uma geração de pesquisadores que nos anos 70 promoveram a abordagem fenomenológica na educação. Entre eles, os professores Joel Martin e Gerd Bornheim, além de Creusa Capalbo, Antonio Muniz de Rezende e Newton Aquiles Von Zuben, que teriam realizado os estudos de doutorado na Bélgica, no Instituto de Filosofia da Universidade Católica de Louvain.

A partir dos 1980 já se haveria uma maior aceitação da abordagem:

Em síntese, constatamos que nos anos 70, as primeiras pesquisas que começam a trabalhar com a fenomenologia ou a ciência compreensiva, tecem a sua justificativa metodológica sobre os reducionismos do positivismo. Já na década dos anos 80 não se justifica dentre outros motivos porque há uma ampla aceitação no nível internacional e nacional dessa nova abordagem (Gamboa, 2003, p. 400).

Segundo Roach (2008) a recepção da Fenomenologia nas universidades brasileiras, a partir dos anos 1980, teria acontecido em um clima de tolerância epistemológica, ao mesmo tempo em que haveria um movimento de defesa da democracia acadêmica e do pluralismo teórico e metodológico nas universidades. Desde então, houve um progressivo aumento da presença da Fenomenologia nos programas de pós-graduação brasileiros. Fato que pode ser melhor observado a partir da consulta ao catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que indica que entre o final da década de 1980 e o final da década de 2020 houve um progressivo aumento do uso da Fenomenologia como metodologia investigativa na área da Educação. Assim, o presente estudo, além de situar a tradição fenomenológica no campo da pesquisa científica, apresenta um mapeamento, na área da Educação, da produção de dissertações e teses brasileiras que afirmam ter utilizado a Fenomenologia como método investigativo.

## 2. Pesquisa fenomenológica: caracterizações

Edmund Husserl (1859-1938) desenvolveu as ideias de Franz Brentano (1838-1917) e definiu a Fenomenologia como “ciência do vivido” (Capalbo, 1990), dando-lhe maior visibilidade e tornando-se a referência mais comumente relacionada à ideia de um método fenomenológico.

De acordo com Marcondes (2008, p.262):

Husserl considera que o método fenomenológico rompe com a atitude natural ou espontânea em que se constituem nossas crenças habituais, em que aprendemos fatos, passando -[...] ao exame do modo de constituição desta experiência.

Para Husserl o impulso de superação da “obscuridade insuportável do homem acerca da sua própria existência” só foi dado “quando Brentano

exigiu uma Psicologia enquanto ciência das vivências intencionais”, ainda que, na avaliação do mesmo, “o próprio Brentano não tivesse ainda superado o objetivismo e o naturalismo psicológico”. Para o filósofo, a elaboração de um “método efetivo para captar a essência fundamental do espírito nas suas intencionalidades” só teria acontecido com sua Fenomenologia Transcendental (Husserl, 2008, p.49). Muito embora, reconheça-se que Husserl só tenha absorvido a influência existencialista no final de sua vida, inclusive com uma discussão mais efetiva acerca da historicidade e da realidade social, não chegando, porém, a influenciar uma revisão, propriamente, do seu método de redução fenomenológica. Por outro lado, essa questão foi

retomada por vários de seus seguidores, como Alfred Schütz (1899-1959), que procura desenvolver uma fenomenologia da ação social, e Max Scheler (1874-1928), que desenvolve uma teoria dos valores, examinando questões éticas (Marcondes, 2008, p. 262).

Para todos os fenomenólogos que vieram posteriormente a Brentano, a intencionalidade permaneceu assumida como uma característica fundamental da consciência. Em Martin Heidegger (1889-1976), por exemplo, que foi aluno de Husserl, o conceito de transcendência, define “a relação entre o homem e o mundo, (que) outra coisa não é senão uma generalização da intencionalidade” (Abbagnano, 1998, p. 577). Para afirmar a noção de intencionalidade, Heidegger desenvolve o termo “ser-no-mundo”, apontando para a superação da dualidade entre ser humano e mundo.

Assim, pode-se diferenciar dois tipos mais elementares de Fenomenologia: a transcendental, relacionada a Husserl; e a existencial, normalmente relacionada a Heidegger:

A fenomenologia transcendental caracteriza-se por se preocupar com a essência do vivido, destacando de seu pensamento as questões concretas da existência. [...] A fenomenologia existencial busca compreender o homem em sua estrutura universal mas, concomitantemente, na sua experiência concreta do vivido (Capalbo, 1990, p. 44).

Dentro da própria Fenomenologia surgiu a necessidade de se afirmar a dimensão existencial. Ao passo que, como expõe Aranha e Martins (1993), a Fenomenologia, enquanto método e filosofia, forneceu os conceitos básicos para a reflexão existencialista. Influenciando filósofos existencialistas como, por exemplo, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986). A conjugação entre as tradições da Fenomenologia e do Existencialismo se tornou comum e complementar, ao ponto que termos como “abordagem fenomenológica existencial”, “método fenomenológico existencial” são comuns na descrição de pesquisas empíricas que lidam com a experiência vivida.

Outro autor clássico da Fenomenologia, que partiu dos ensinamentos de Husserl, foi o Francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Sua noção de “corporeidade” também busca a superação da dicotomia sujeito-objeto, embora sua noção de “percepção” não demonstre ter a mesma força fenomenológica que a noção de “compreensão”.

Destaca-se, contudo, que a obra de Husserl trata a Fenomenologia como um método filosófico e não como um método empírico.

A transposição para um método empírico deu margem a variantes de perspectivas, dividida por Finlay (2009) entre abordagens fenomenológicas psicológicas e abordagens fenomenológicas sociológicas. Enquanto a primeira apresenta comumente uma adaptação do método de Husserl para uma dimensão psicológica, a segunda centra-se na noção de intersubjetividade.

O principal expoente da abordagem fenomenológica sociológica é sem dúvida Alfred Schütz (1899-1959). Em sua obra o sociólogo busca construir uma sociologia compreensiva, com base na filosofia de Husserl, centrada no fenômeno da intersubjetividade. Quanto a diferença entre a fenomenologia de Husserl e de Schütz, pode-se afirmar que o primeiro foca o estudo na própria consciência, e Schütz busca compreender a ação social do sujeito no “mundo da vida cotidiana” (Mieles Barrera, Tonon, Alvarado Salgado, 2012).

Há um consenso entre diversos autores (Finlay, 2009; Moreira, 2002; Andrade e Holanda, 2010) de que o americano Amedeo Giorgi seria o

principal representante, do que se pode chamar de abordagem fenomenológica psicológica no campo da pesquisa empírica. Mas, de acordo com Finlay (2009) existiria também outras variantes, que embora tivessem aderido ao modelo de Giorgi, deram suas próprias ênfases, como por exemplo: Open Lifeworld Approach, de Karin Dahlberg, Helena Dahlberg e M. Nyström; Lived Experience Human Science Inquiry de Max Van Manen (baseada também na tradição da University of Utrecht); Dialogal Approach, de Steen Halling, Michael Leifer e Jan O. Rowe; Dallas Approach, de Gilbert Garza; Embodied Lifeworld, de Les Todres; Lifeworld Approach de Peter Ashworth.

Finlay (2009) aponta, no entanto, que existem outras abordagens fenomenológicas psicológicas que, embora foquem na descrição e significados da experiência vivida, não se utilizaram dos procedimentos de Husserl explicitamente. A autora apresenta como exemplo a IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), de Jonathan A. Smith que teria ganhado considerável espaço no Reino Unido.

Historicamente, o exemplo mais importante e conhecido, entre os que usaram o método fenomenológico sem seguir o caminho de pesquisa apontado por Husserl, é a Psicopatologia de Jaspers. Moreira (2002) aponta que Karl Jaspers (1883-1969) foi o primeiro a usar em Psicopatologia<sup>3</sup> o “método fenomenológico”, através de sua obra Psicopatologia Geral, de 1913. Mas de acordo com a discussão de Rodrigues (2005) não há similaridades significativas entre a perspectiva investigativa de Jaspers e Husserl, apesar do primeiro admitir uma influência dos primeiros escritos de Husserl, sobretudo no que se refere à fenomenologia entendida como uma psicologia descritiva.

Giorgi (2008), que se tornou a principal referência para um método fenomenológico empírico, com forte influência de Husserl, concorda que as interpretações da Fenomenologia são muito mais divergentes do que convergentes. Giorgi foi fundador do *Journal of Phenomenological*

---

<sup>3</sup> Esta vertente de pesquisa fenomenológica escapa à divisão de Finlay (2009) em abordagem fenomenológica psicológica e sociológica.

*Psychology*, que teve seu primeiro número publicado em janeiro 1970, desde então tem trazido contribuições para o debate da Fenomenologia no campo da ciência. Segundo Giorgi (2008) a Fenomenologia é um estudo sistemático de tudo que aparece à consciência, ou seja, a “ciência dos fenômenos”. A análise dos aspectos concretos e materiais (social e culturalmente fundamentados) da consciência tornaria a Fenomenologia científica, enquanto a tentativa de chegar em seu sentido último a tornaria filosófica. O autor acrescenta, sobre a Fenomenologia, que ela é paradoxalmente radical e atórica: radical porque não é baseada em nenhum a *priori* quanto ao conteúdo do fenômeno; atórica porque não se propõe hipóteses, conceitos ou categorias exteriores ao fenômeno. “Ela se limita a uma descrição exclusiva da maneira como o conteúdo do fenômeno se apresenta tal como nele mesmo” (Giorgi, 2008, p. 387).

A grande importância da Fenomenologia para as Ciências Humanas foi ter permitido o estudo de um amplo escopo da subjetividade humana, que vai além da experiência possível com objetos concretos e reais, incluiu também fenômenos que se configuram como “presenças” sem uma necessária concretude “real”. Para Giorgi (2008, p.389) essas “presenças” são passíveis de serem objetos de estudo, e serem representadas de diversas formas:

[...] na psicologia como os fantasmas, as alucinações, as falsas lembranças, etc.; na antropologia, os ritos, os rituais, os ritos de passagem, etc.; na sociologia, a histeria coletiva, as vogas e as modas; nas ciências políticas, as imagens, os símbolos e os slogans, e assim por diante. Mesmo quando os “objetos reais” estão em jogo, as ciências humanas se interessam mais em compreender como eles são percebidos ou o que eles significam do que em apreender sua essência ou caráter real.

Uma caracterização mais elementar da pesquisa fenomenológica seria tomá-la como estudo do fenômeno, e este ser entendido do modo como acontece na experiência, ou consciência, do sujeito. Então, como destaca Giorgi (2008, p.390) “todo dado deve ser compreendido como fenômeno e não como existente real”.

Importante destacar, como lembra Capalbo (1990) que nenhum dos fenomenólogos clássicos elaborou um tratado de pesquisa fenomenológica para a educação; assim como não buscaram desenvolver uma filosofia da

educação (Roach, 2008). Por outro lado, como a Educação abrange uma ampla possibilidade de experiências, presenças e intuições humanas, normalmente em diálogo interdisciplinar, ela é propensa a se beneficiar de uma ampla gama de possibilidades investigativas englobadas pela Fenomenologia.

Como caracterização no campo empírico de uma pesquisa fenomenológica clássica, no sentido de ser mais próxima da filosofia de Husserl, Giorgi (2008) afirma ser elementar a utilização de alguma modalidade de redução fenomenológica. No entanto, o autor destaca que é importante diferenciar a Fenomenologia como método filosófico e como método científico. Para o mesmo, o método filosófico, desenvolvido por Husserl, contém como elementos: a redução fenomenológica, a descrição, e a busca das essências. De modo semelhante existem modificações trazidas ao método filosófico para fins de análise científica, incluindo: a descrição concreta e detalhada de experiências específicas, de acordo com a atitude cotidiana de outras pessoas; a adoção da redução pelo pesquisador; a busca das essências “científicas” (Giorgi, 2008). Em comum, temos o uso da descrição, da redução e a busca das essências. Por outro lado, eles são vistos de forma diferente nos chamados método filosófico e método científico.

De modo geral a redução se caracteriza pela exclusão dos conhecimentos passados em relação ao fenômeno, para ficar inteiramente presente na experiência concreta (Giorgi, 2008). O autor aponta alguns tipos de redução:

[...] a **redução fenomenológica psicológica** – que requer uma exclusão do mundo, mas não do sujeito empírico –; a **redução eidética**, pelo qual os objetos ou tudo o que é dado são reduzidos à sua essência; e, ao nível mais profundo, a **redução fenomenológico transcendental**, na qual são excluídos, simultaneamente, o sujeito empírico e o mundo (Giorgi, 2008, p. 393).

Acerca da descrição, ela precisa dizer “respeito à maneira como o sujeito interpretou a situação, mas não que ela seja verdadeiramente o que ele pensava que ela fosse” (Giorgi, 2008, p.397). Em relação à análise da descrição, o pesquisador deveria, de acordo com Giorgi (2008) “permanecer



particularmente consciente da perspectiva de sua disciplina (psicologia, sociologia, etc.)” (p.397), enquanto busca as essências científicas. Cabe, pois, diferenciar as modalidades de essências:

O método filosófico está à procura de essências filosóficas, as quais são geralmente mais universais e mais fundamentais do que as essências científicas, cujas perspectivas são, normalmente, mais estreitas. Husserl admite vários tipos possíveis de essenciais, desde as essências individuais até as essências universais, passando pelas essências típicas. Cabe a cada disciplina das ciências humanas determinar os sentidos mais constantes em um contexto determinado (Giorgi, 2008, p.397).

Para apresentar, nas Ciências Humanas, as etapas do método fenomenológico científico, Giorgi (2008) parte de cinco etapas do método qualitativo, independente deste ser fenomenológico: “(1) a coleta de dados verbais; (2) a leitura dos dados; (3) a divisão dos dados em unidades; (4) a organização e a enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina; e (5) a síntese ou o resumo dos resultados para fins de comunicação à comunidade científica” (p.398).

As coletas de dados podem vir de uma descrição ou de entrevista ou de ambas. As questões são geralmente amplas e abertas, com o intuito de que o sujeito seja exposto de modo abundante. O que se pretende é uma descrição completa e detalhada da experiência do sujeito e dos seus atos. A leitura dos dados, antes de analisá-los, tem o intuito de perceber uma significação global e entender como as partes são compostas (Giorgi, 2008).

Como não se deve contentar-se com falas do sujeito na perspectiva de sua vida cotidiana, ou seja, num nível pré-teórico e pré-científico, deve-se organizar e enunciar os dados na linguagem própria da disciplina científica em questão: “Uma vez constituídas as unidades de significação, elas são examinadas, exploradas e descritas novamente, de modo a tornar mais explícito o valor de cada unidade em relação à disciplina” (Giorgi, 2008, p.400).

Por fim, chega-se à síntese dos resultados quando as unidades de significação já foram reduzidas à sua essência:

Uma vez que cada unidade de significação reduzida à sua essência, segundo a perspectiva própria à disciplina, e reformulada nos termos desta última, aplica-se mais ou menos o mesmo procedimento às unidades de significação, transformadas de modo a decidir quais são essenciais tendo em vista o fenômeno pesquisado, e quais não o são (Giorgi, 2008, p. 401).

Nota-se que as categorias não são dadas a priori, nas palavras de Giorgi (2008) “os fenomenologistas científicos devem, portanto, pelo menos ir dos fatos às significações, de modo a se inscreverem no contexto de uma perspectiva fenomenológica” (p.403). Pode-se acrescentar que, de modo sintético, para Giorgi (2008) o relatório de pesquisa deve exprimir: o conhecimento da natureza intencional da consciência; a utilização da redução fenomenológica; práticas descritivas minuciosas, em oposição a termos teóricos e explicativos; e a busca de estruturas ou essências próprias à disciplina estudada.

O método de Giorgi é uma das principais referências das teses e dissertações brasileiras sobre educação que se utilizaram do método fenomenológico. Como Giorgi visa a estrutura do fenômeno, seu trabalho é conceituado por Bicudo (2011) de Fenomenologia Estrutural. A diferença entre a pesquisa da Fenomenologia Estrutural de outros modos de fazer pesquisa fenomenológica, especificamente o fenomenológico existencial hermenêutico, está na presença de aspectos interpretativos do pesquisador, além dos aspectos descritivos.

Para Bicudo (2011, p.44) e seus colaboradores:

[...] toda análise de descrição, por esta ser mediada pela linguagem (qualquer modalidade pela qual ela seja expressa), solicita um enxerto hermenêutico, para que, no movimento de compreensão do dito, já se proceda à abertura aos sentidos e significados expressos e transportados pelo modo de dizer pelo qual a descrição se doa à interpretação.

A Hermenêutica ampliou as possibilidades investigativas nas Ciências Humanas a partir da Fenomenologia, através, principalmente, das contribuições do próprio Heidegger, e de autores como Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1913-2005).

Entre as referências de investigações empíricas que trariam versões explicitamente hermenêuticas, Finlay (2009) cita: a abordagem hermenêutica da escola de Dallas, com contribuições de Churchill, Garza e van Manen; a *Open Lifeworld* de Dahlberg e colaboradores; a *Dialogal Approach* de Halling e colaboradores; a *Embodied Enquiry Approach* de Todres; e *Interpretative Phenomenological Analysis* de Smith e colaboradores.

No âmbito brasileiro, tem-se Bicudo (2011) e seus colaboradores do Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Educação Matemática (FEM), como exemplo da pesquisa fenomenológica na educação com uma da hermenêutica. Eles denominam a pesquisa fenomenológica como Pesquisa do Fenômeno Situado, trabalhando com a análise fenomenológica estrutural e variações interpretativas, ou seja, com a possibilidade do uso do enxerto hermenêutico.

### 3. Críticas ao método fenomenológico

A principal crítica que se pode fazer ao método de pesquisa fenomenológico, parte da própria Fenomenologia e se relaciona com as diferenças entre a Fenomenologia Transcendental (de Husserl) e a Hermenêutica. Quando autores como Giorgi (2008) afirmam que uma pesquisa só pode ser dita como fenomenológica se comportar alguma modalidade de redução, está-se ignorando as condições de cientificidade da pesquisa fenomenológica existencial hermenêutica, que por sua vez não trabalha com a ideia de redução de Husserl.

A problemática reside na exigência, ao realizar a redução, de uma certa neutralidade do pesquisador, caracterizada pela exclusão de todo conhecimento anterior relativo ao fenômeno estudado. Enquanto que no método fenomenológico existencial há a exigência do pesquisador estar eminentemente implicado na ação, na relação com os sujeitos envolvidos. Tanto que para Giorgi (2008), quando a subjetividade daquele que realiza a descrição não é excluída, está-se falando de fenomenologia existencial.

Entendemos, contudo, que a neutralidade pretendida pela redução fenomenológica é falsa. Ela só funciona ao nível filosófico, e não quando tratamos de pesquisa no âmbito social e histórico, em que nos valem da

implicação e não da neutralidade. A insistência em se utilizar a redução fenomenológica nas pesquisas qualitativas em Ciências Humanas aproxima, contraditoriamente, a Fenomenologia Estrutural de modalidades de análise do conteúdo que são caracterizadas como não fenomenológicas.

Em nossa perspectiva, uma pesquisa só deve ser considerada genuinamente fenomenológica se partir da implicação do pesquisador com o fenômeno estudado, afirmando a vivência, a ação. A pesquisa deve ser expressa de modo compreensivo, em detrimento do modo explicativo. Então a vivência do pesquisador, sua perspectiva de vida e valores, seriam considerados importantes como elemento de análise, não sendo possível excluí-los completamente. O melhor é afirmá-los, o que é diferente de impor, numa relação dialógica com os sujeitos da pesquisa, para que novas compreensões e perspectivas possam surgir do encontro entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Visto por esta perspectiva, as pesquisas etnometodológicas e muitas das que se utilizam da pesquisa-ação, são mais fenomenológicas do que outras que se afirmam como fenomenológicas por utilizarem a redução fenomenológica na análise dos dados.

De fato, a Fenomenologia se desdobra enquanto ato, enquanto ação. Sendo necessário diferenciá-la não apenas da reflexão e da teorização, mas também do comportamento e do caráter utilitário que geralmente é dado à prática. Neste sentido, termos como *Phenomenology of practice*, mostram-se mal-empregados, embora Van Manen (2007) entenda que o aspecto empático, relacional, corpóreo, temporal e de ação, seja mais importante que o intelectual, cognitivo e técnico.

Assim, parece-nos mais coerente trabalhar o conceito de ação ou de ato, como fez inicialmente Brentano em sua Psicologia do Ato. Um caminho que foi desenvolvido por Fonseca (no prelo, p.31):

*Presença e Atualidade* são duas perspectivas descritivas das características do modo ontológico de sermos. Junto com as outras características deste modo de sermos -- como a sua não objetividade nem subjetividade, o seu dar-se no modo dialógico da ação, e não no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o seu característico e intrínseco despropósito, a sua característica des-propositalidade acausal, o seu intrínseco caráter de inutilidade, por se dar num modo de sermos que é anterior ao

modo de sermos dos úteis e das utilidades – o caráter de *presença* – como o modo não coisa, pré-coisa, de sermos; e de *atualidade*, como o modo de sermos da ação – constituem a vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

Observa-se nas referências sobre pesquisa fenomenológica muita confusão sobre a dimensão fenomenológica em si, em seu caráter ontológico. Tomemos como exemplo o livro *O método fenomenológico na pesquisa*, de Moreira (2002), obra tomada como referência em um número expressivo de teses e dissertações brasileiras. Na apresentação do livro, o autor faz o seguinte comentário:

Na qualidade de roteiro de procedimentos, o método fenomenológico desdobra-se em dois grandes caminhos: o filosófico e o empírico. Em ambos os casos, **o ponto de partida é a realidade e o objetivo é a sua compreensão.** (...) O filósofo (ou analista, como se queira) apreende o objeto e **pela reflexão chega a compreender sua estrutura (essência)** (Moreira, 2002, p. i.).

A primeira correção que se precisa fazer é quanto ao ponto de partida, que no caso da Fenomenologia será sempre o vivido, a vivência, o processo de devir que constitui a realidade, e não a realidade em si. A Fenomenologia não é da esfera do real, da realidade e sim da *realização*. Outra questão refere-se ao entendimento de que a reflexão seria o caminho para se chegar à compreensão. É preciso destacar que a consciência reflexiva, a teorização, não é capaz de levar ao pré-reflexivo, no caso, à compreensão. A fenomenologia existencial, especificamente, é pré-reflexiva, e se dá pela afirmação do vivido, portanto de forma empática. Questões como a exposta anteriormente são muito básicas no âmbito da Fenomenologia Existencial, mas parecem se perderem quando se quer formatá-las dentro da tradição científica objetivista.

#### 4. Método fenomenológico e educação: mapeamento das dissertações e teses

Foram identificados quatro estudos que dialogam, em alguma medida, com o presente mapeamento. Todos tratam do uso do método fenomenológico: o primeiro em teses, na área de Educação e no estado de São

Paulo; o segundo em dissertações e teses brasileiras, na área da Enfermagem; o terceiro em dissertações, na área da Educação, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); e o quarto em periódicos brasileiros, na área da Saúde.

Roach (2008) apresenta uma pesquisa de pós-doutorado da Faculdade de Educação da Unicamp, na qual analisa a abordagem fenomenológica-hermenêutica na produção de teses de doutorado em Educação de universidades paulistas, de 1985 a 2004. O estudo de Almeida et al. (2009), por sua vez, investiga a apropriação da Fenomenologia na pesquisa acadêmica em Enfermagem, considerando os anos de 1987 e 2007. Já o estudo de Rojas et al. (2010) faz um levantamento da produção de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS que utiliza a Fenomenologia como metodologia, até o ano de 2010. Por fim, o estudo de Silva e Oliveira (2018) faz uma análise da produção científica em periódicos na área da Saúde no Brasil, que utilizou a Fenomenologia como método de pesquisa, no período de 2010 a 2014.

Quanto ao levantamento aqui apresentado, caracteriza-se como um mapeamento, situando a produção brasileira e analisando uma amostra de 89 dissertações e teses. Focou-se em trabalhos na área de conhecimento da Educação que se relacionam com a Fenomenologia, utilizando como base de dados o Banco de Teses e Dissertações da Capes<sup>4</sup>. Contudo, os detalhes como resumo, por exemplo, estão disponíveis apenas para os trabalhos com data de conclusão a partir de 2013, através de link direcionado para a Plataforma Sucupira. Para a produção anterior à 2013, deve-se acessar diretamente a biblioteca da instituição formadora. No entanto, muitos dos trabalhos, sobretudo os mais antigos, não estão disponíveis nos repositórios virtuais das instituições. Esta condição dificultou o direcionamento para um estudo mais estatístico do conteúdo dos trabalhos a nível nacional, em um período de tempo mais amplo.

Inicialmente foram utilizados os seguintes descritores: “fenomenologia”; “abordagem fenomenológica”; “método fenomenológico”;

---

<sup>4</sup> (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>)

“pesquisa fenomenológica”. Chegou-se ao número de 5.978 teses e dissertações. Deste universo, 1.142 estão na Educação como área de conhecimento (Tabela 1).

**Tabela 1**

*Principais incidências, por área de conhecimento, de teses e dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, relacionadas com os descritores: fenomenologia, abordagem fenomenológica, método fenomenológico, pesquisa fenomenológica.*

Área de Conhecimento	Quantidade de registros
Educação <sup>5</sup>	1.142
Filosofia <sup>6</sup>	826
Psicologia <sup>7</sup>	746
Enfermagem <sup>8</sup>	580
Direito	460
Geografia <sup>9</sup>	219
Artes <sup>10</sup>	213
Letras <sup>11</sup>	197
Ciências Sociais <sup>12</sup>	184
Comunicação	116
Administração <sup>13</sup>	99

<sup>5</sup> Incluiu-se à área de conhecimento Educação outras classificações correlatas: Educação de Adultos, Educação Especial, Educação em Periferias Urbanas, Educação Física, Ensino, Ensino de Ciências e Matemática, Ensino Profissionalizante, Planejamento Educacional.

<sup>6</sup> Inclui-se à área de conhecimento Filosofia as classificações Epistemologia e Ética.

<sup>7</sup> Inclui-se à área de conhecimento Psicologia as classificações correlatas: Psicologia Cognitiva, Psicologia do Desenvolvimento Humano, Psicologia do Ensino e da Aprendizagem, Psicologia Experimental, Psicologia Social, Tratamento e Prevenção Psicológica.

<sup>8</sup> Inclui-se à área de conhecimento Enfermagem a classificação Enfermagem de Saúde Pública.

<sup>9</sup> Inclui-se à área de conhecimento Geografia as classificações: Geologia, Geociência, Geofísica, Geografia Regional.

<sup>10</sup> Inclui-se à área de conhecimento Artes as classificações Teatro e Música.

<sup>11</sup> Inclui-se à área de conhecimento Letras as classificações: Linguística, Linguística Aplicada, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura Comparada, Língua Portuguesa, Outras Literaturas Vernáculas.

<sup>12</sup> Inclui-se à área de conhecimento Ciências Sociais as classificações: Ciências Políticas, Antropologia, Sociologia, Sociologia do Desenvolvimento, Sociais e Humanidades.

<sup>13</sup> Incluiu-se as áreas correlatas.

---

Fonte: Tabela atualizada pelos autores com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em fevereiro de 2021.

Destacamos que o termo Fenomenologia também é usado em algumas áreas de conhecimento em sentido diverso do pretendido pela tradição da filosofia ou pesquisa fenomenológica, tais quais: Direito, Engenharia, Geografia, Biologia, Física e Medicina.

Na área de conhecimento Filosofia, muitos registros tratam da Fenomenologia apenas no campo teórico-filosófico e não propriamente como método de pesquisa empírica, tanto que quando foi utilizado somente o descritor “fenomenologia” na área de conhecimento Filosofia, Epistemologia e Ética foram encontrados 806 trabalhos. Quando se usou apenas os termos "abordagem fenomenológica", "método fenomenológico" e "pesquisa fenomenológica" como filtros, na área de conhecimento Filosofia foram encontrados apenas 65 trabalhos, e destes a maioria são de ordem filosófica ou teórica, ou seja, não aplicam necessariamente o método de pesquisa empírica.

Na Psicologia, como área de conhecimento, uma parte expressiva dos registros das pesquisas não se utilizam da Fenomenologia como método de pesquisa empírica propriamente, mas trata da Psicologia Fenomenológica enquanto abordagem psicológica, psicoterapêutica, ou mesmo como fundamentação epistemológica. Outra parte, utiliza-se da Fenomenologia como método de investigação empírica, de modo que seria interessante estudos futuros que situassem quantitativamente e qualitativamente a presença da fenomenologia em dissertações e teses na área da Psicologia. De acordo com DeCastro e Gomes (2011) há um aumento expressivo na aplicação do método fenomenológico à pesquisa empírica em Psicologia, no período 1990-2000. Em estudo realizado com 34 artigos nacionais entre os anos de 1996 e 2007, os autores observaram que há uma pluralidade lógica e técnica no uso do método nestes artigos, quando comparados com 21 artigos publicados no periódico norte-americano *Journal of Phenomenological*



*Psychology*, entre os anos de 2000 e 2008, onde foi notado maior homogeneidade na aplicação do método.

Em relação à Enfermagem há uma considerável apropriação do método fenomenológico para pesquisas empíricas, possivelmente maior do que na Psicologia. Foram encontrados 580 registros no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Almeida et al. (2009, p.699) entendem que ao utilizar o referencial fenomenológico “os enfermeiros-pesquisadores podem dar voz ao ser do humano e visibilidade aos fenômenos por ele vividos, possibilitando, portanto, oferecer-lhe um cuidar a partir de sua singularidade”. O estudo de Almeida et al. (2009) com teses e dissertações da área da Enfermagem, entre 1987 e 2007, verificou um crescente aumento no uso da Fenomenologia como metodologia na área de conhecimento da Enfermagem, e verificou os seguintes autores como principais fundamentações utilizadas: Heidegger, Schutz e Merleau-Ponty. Em estudo com base em periódicos brasileiros entre 2010 e 2014, Silva e Oliveira (2018) confirmaram a Enfermagem como a principal área de conhecimento no âmbito da saúde a se utilizar o método fenomenológico, tendo uma predominância maior no referencial de Schütz.

Quanto à Ciências Sociais, dada a abrangência desta área de conhecimento, o quantitativo de registros encontrados é considerado muito pequeno (184). Menor do que Enfermagem (567) e a Psicologia (746), por exemplo. Isto pode indicar que a tradição fenomenológica, incluindo a Fenomenologia de Alfred Schütz, não possui tanta popularidade entre os pesquisadores das Ciências Sociais quanto outras referências metodológicas.

A Educação, por sua vez, é a área na qual houve maior incidência, 1.142 dissertações e teses que demonstram algum nível de relação com a Fenomenologia. Entre os registros encontrados há um grande número de trabalhos que usam a Fenomenologia como método de investigação, e não apenas como elemento de discussão ou fundamentação teórica. O grande número de trabalhos que usam o método fenomenológico nesta área de conhecimento se dá pelo fato da Educação ter a conotação de ciência aplicada,

ao mesmo tempo que faz uso da produção metodológica de outras áreas de conhecimento.

Quanto à produção científica por décadas, temos os dados presentes na Tabela 2.

**Tabela 2**

*Incidências de Teses e Dissertações com relação com a Fenomenologia por década na área de conhecimento da Educação no Brasil*

<b>Décadas<sup>14</sup></b>	<b>Dissertações (Mestrado, Mestrado Profissional / Profissionalizante)</b>	<b>Teses (Doutorado)</b>	<b>Total</b>
1980 (a partir de 1987) <sup>15</sup>	10	1	11
1990	91	24	115
2000	267	71	338
2010	486	192	678
<b>Total</b>	<b>854</b>	<b>288</b>	<b>1.142</b>

Fonte: Tabela atualizada pelos autores com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em fevereiro de 2021.

É evidente o aumento contínuo da produção de teses e dissertações que dialogam com a Fenomenologia na área de conhecimento da Educação. Especificamente sobre a produção de teses, pode-se verificar que houve um aumento de mais de 200% na comparação entre as décadas de 2000 e 2010. Sobre as instituições onde se produziram as 288 teses registradas no banco de dados da Capes, de 1987 a 2019, são um total de 46 instituições<sup>16</sup> distribuídas por todas as regiões do país. Contudo, mais da metade (53,8%) das teses (155) estão concentradas em apenas 9 universidades, conforme a Figura 1.

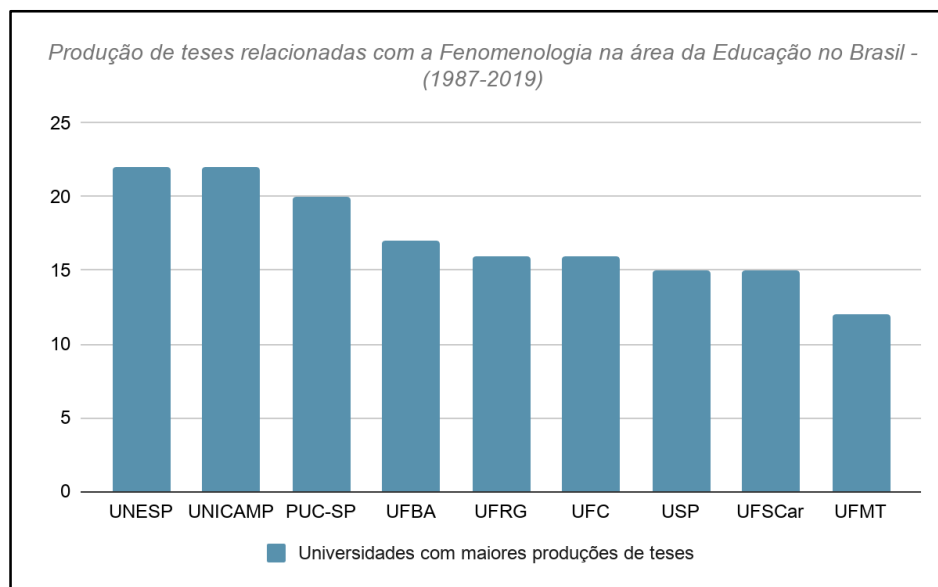
**Figura 1**

*Gráfico das principais instituições produtoras de teses relacionadas com a Fenomenologia na área da Educação no Brasil - (1987-2019)*

<sup>14</sup> Na data da consulta, fevereiro de 2019, só haviam dados disponíveis até 2019. Os dados do ano de 2020 ainda não estavam disponibilizados.

<sup>15</sup> Só há registros no banco de dados utilizados a partir de 1987.

<sup>16</sup> O sistema do banco de dados registrou 52 instituições, contudo foi verificado duplicidade de dados. Assim corrigimos o quantitativo para 46 instituições.



Fonte: Gráfico atualizado pelos autores, a partir de dados do Banco de Teses e Dissertações da Capes, em fevereiro de 2021.

Das nove instituições que concentram 54,5 % das produções, cinco estão no estado de São Paulo e representam 33,3% do total de produção no território nacional; duas são da região Nordeste (Ceará e Bahia), uma na centro-oeste (Mato Grosso) e outra da região Sul (Rio Grande do Sul). O destaque em termos de crescimento é a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com 22 teses produzidas a partir do ano de 2000, o que representa 21,7% dos registros no estado. Este dado aponta uma mudança no quadro apresentado por Roach (2008, p.200) com dados de 1985 a 2004 no estado de São Paulo, quando o autor identificou, em relação às teses que assumiam a abordagem fenomenológica-existencial, que a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) produzia 71.8%, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 15%, a UNESP, 10%, e a Universidade de São Paulo (USP), 1,5%.

Quando contabilizamos o quantitativo de Teses e Dissertações, as cinco instituições com maiores produções são: PUC-SP com 67; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) com 51; Universidade Federal de São Carlos (UFCar) com 51; Universidade Federal da Bahia (UFBA) com 50; UFMT com 48; e Universidade Federal do Mato

Grosso do Sul (UFMS) com 44. Desta lista, duas instituições não aparecem no Gráfico 1, que traz aquelas com maiores produções de teses, PUC-RS e UFMS, respectivamente com 7 e 9 teses contabilizadas cada uma.

Sobre a produção da UFMS, Rojas et al. (2010) indicam que até o ano de 2010, houve a produção de 26 dissertações com o método fenomenológico no programa de pós-graduação em Educação da UFMS, sendo que 22 destas foram produzidas entre 2001 e 2010.

Quanto aos orientadores das teses, temos um universo de 184 doutores, sendo que nove destes são responsáveis por 23,6% do total de teses (288). A Tabela 3 mostra a incidência dos principais orientadores de teses e dissertações na área de educação com a perspectiva metodológica da Fenomenologia.

### Tabela 3

*Incidências dos principais orientadores de Teses e Dissertações na área da Educação, no Brasil, relacionadas aos descritores: fenomenologia, abordagem fenomenológica, método fenomenológico, pesquisa fenomenológica.*

Orientador	Instituição	Teses	Dissertações
Maria Aparecida Viggiani Bicudo	UNESP	13	5
Hiran Pinel	UFES	8	15
Michele Tomoko Sato	UFMT	8	9
Adão José Peixoto	UFG	7	5
Dante Augusto Galeffi	UFBA	7	4
Jucimara Silva Rojas	UFMS	7	19
Heloisa Szymanski	PUC-SP	6	24
Raimundo Helio Leite	UFCE	6	--
Luiz Gonçalves Júnior	UFSCar	6	16
Mirian Sirley Comiotto	PUCRS	--	24
Graciela Rene Ormezzano	UPF	1	17
Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes	UNIUBE	--	12

Fonte: Tabela atualizada pelos autores com base em dados de fevereiro de 2021 do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Estes pesquisadores possuem significativa responsabilidade pelo desenvolvimento e expansão do método fenomenológico nas pesquisas educacionais brasileiras, durante as décadas de 1990, 2000 e 2010, portanto em um período imediatamente posterior ao pesquisador Joel Martins, considerado um dos mais importantes pioneiros no Brasil no uso da Fenomenologia em pesquisas empíricas. Segundo estudo de Lima (2005), as defesas dos últimos orientandos do pesquisador datam de 2003, ano de sua morte. Já os trabalhos contabilizados na Tabela 3 são do período de 1994 a 2018. Contudo a influência deste pesquisador e o método desenvolvido por ele é muito forte na geração que se seguiu. Dos autores presentes na Tabela 3, três foram orientados por ele: Maria Aparecida V. Bicudo (doutorado); Heloisa Szymanski (mestrado e doutorado); Luiz Gonçalves Júnior (mestrado). Além de ter participado da banca de defesa da tese de Mirian Sirley Comiotto.

Um dado chama atenção sobre os oito orientadores de teses com maior quantitativo de orientação: não há registro, no banco de dados consultado, de que algum deles tenha participação em banca de defesa coordenada pelos outros orientadores. Talvez este dado indique a necessidade de uma maior interação entre os colegas, na avaliação e discussão de suas pesquisas, como caminho para um maior aprimoramento do uso do referencial fenomenológico nas pesquisas educacionais. Por outro lado, observamos que Mirian Sirley Comiotto foi orientadora de mestrado de Graciela Rene Ormezzano. E Adão José Peixoto foi orientador de Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes, em sua pesquisa de doutoramento.

Entendemos que há uma variação nas estratégias do uso do referencial na pesquisa educacional, o que tem haver não apenas com os autores utilizados e o entendimento que se tem deles para dar sustentação teórica e metodológica à investigação, mas tem haver também com uma certa dimensão de autoria que cabe a cada pesquisador na escolha das melhores estratégias para atingir os objetivos propostos por sua pesquisa.

Para se aproximar da diversidade no uso da metodologia fenomenológica, partimos dos trabalhos orientados pelos pesquisadores com

maior quantitativo de orientação na temática dentro da área de conhecimento da Educação, relacionados na Tabela 3. Neste universo temos um total de 219 trabalhos, sendo 69 teses e 150 dissertações. Verificou-se então quantos estariam disponíveis para análise, através do link entre o Catálogo de Dissertações e Teses da Capes e a Plataforma Sucupira, que além dos resumos fornece a possibilidade de fazer o *download* dos trabalhos. De um universo de 219 trabalhos, 83 estavam disponíveis na Plataforma Sucupira. Somando-se mais 6 teses acessadas diretamente no portal da Biblioteca Digital da PUC-SP, trabalhamos com 89 pesquisas, sendo 46 teses e 43 dissertações, conforme a Tabela 4.

**Tabela 4**

*Amostra das Teses e Dissertações orientadas pelos pesquisadores com os maiores quantitativos de orientação relacionadas com a fenomenologia na área da Educação.*

Orientador	Instituição	Teses	Dissertações
Maria Aparecida Viggiani Bicudo	UNESP	7	--
Hiran Pinel	UFES	6	4
Michele Tomoko Sato	UFMT	8	1
Adão José Peixoto	UFG	2	1
Dante Augusto Galeffi	UFBA	-	2
Jucimara Silva Rojas	UFMS	4	8
Heloisa Szymanski	PUC-SP	6	5
Raimundo Helio Leite	UFCE	6	--
Luiz Gonçalves Júnior	UFSCar	6	7
Mirian Sirley Comiotto	PUCRS	--	--
Graciela Rene Ormezzano	UPF	1	5
Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes	UNIUBE	--	10

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, em outubro de 2019, com a amostra utilizada para o presente estudo

Constata-se que das 89 pesquisas selecionadas, 73 eram de natureza empírica, outras 12 do tipo documental, 2 bibliográfica e em outras 2 a Fenomenologia foi utilizada como referência teórico-filosófica.

A pesquisadora que na amostra orientou a maior quantidade de pesquisa documental utilizando-se da Fenomenologia como metodologia foi a professora Sueli de Abreu-Bernardes (10 dissertações). O referencial de análise dos dados assumido nas pesquisas é a fenomenologia hermenêutica fundamentada em Maria Aparecida Bicudo. Há ainda, em duas destas dissertações, a proposta de “aproximação do método fenomenológico bachelardiano<sup>17</sup>”. Há outras pesquisas documentais: uma orientada por Heloisa Szymanski, na qual se busca compreender a pesquisa documental segundo o referencial da Fenomenologia Existencial; e outra orientada por Dante A. Galeffi, na qual a abordagem qualitativa do tipo documental é “inspirada” metodologicamente na fenomenologia de Husserl.

Do universo surgido com este recorte<sup>18</sup>, só não estavam disponíveis na Plataforma Sucupira os trabalhos orientados por Mirian Sirley Comiotto. Por outro lado, observou-se que a autora é uma referência em outros trabalhos, como naqueles orientados por Graciela Ormezzano. Cita-se, como referência ao método, a sua tese, “*Adultos médios: sentimentos e trajetórias de vida. Estudo fenomenológico e autoeducação*”, defendida na UFRS em 1992. As contribuições de Camiotto são identificadas como aperfeiçoamento ao método de Giorgi, acrescentando mais um passo aos quatro propostos pelo autor americano: (1) o sentido do todo; (2) as unidades de significado; (3) a transformação das unidades significativas em linguagem psicoeducativa; (4) a síntese das estruturas de significado; (5) as dimensões fenomenológicas.

Assim, como observado no estudo de Roach (2008, p.201): “Não é difícil observar que os doutorandos pesquisadores desenvolvem os temas, os problemas, a epistemologia, a metodologia e as técnicas propostas por seus orientadores”, aspecto que consideramos natural, sendo até importante para o aprimoramento e consolidação de metodologias e estudos anteriores.

---

<sup>17</sup> Gaston Bachelard (1884-1962) filósofo e poeta francês. Sua primeira obra com orientação assumidamente fenomenológica é *A poética do espaço*, de 1957.

<sup>18</sup> São 38 teses e 41 dissertações dos principais orientadores brasileiros na área de conhecimento da Educação com uso da Fenomenologia como metodologia ou referencial teórico.

Deste modo, constatou-se que a *pesquisa do fenômeno situado* é amplamente utilizada e de forma rigorosa, nos trabalhos orientados pela professora Maria Aparecida Bicudo. Nos trabalhos orientados por Hiran Pinel, aparece o uso da categoria *guia de sentido*, um conceito desenvolvido pelo pesquisador. Já nos trabalhos orientados por Heloisa Szymanski, encontramos com recorrência o uso da prática *reflexiva em pesquisa*, com ênfase na *entrevista reflexiva* e no *encontro reflexivo*. Nos trabalhos orientados por Michele Sato é recorrente o uso da *Cartografia do Imaginário*, uma metodologia fenomenológica desenvolvida pela pesquisadora. Em um trabalho orientado por Graciela R. Ormezzano, encontramos a categoria teórica *leitura transtextual de imagens (LTI)*, desenvolvida pela autora e utilizada para interpretar o “texto icnográfico”.

Observou-se também que há uma diversidade quanto à denominação pelo qual o método fenomenológico é assumido nas pesquisas, a depender da forma como a Fenomenologia participa de cada investigação. Assim, temos aquelas que assumem a fenomenologia como metodologia, é o caso sobretudo das pesquisas que tomam como referência a *pesquisa do fenômeno situado*, e trabalham com análise ideográfica e nomotética, orientadas por diversos pesquisadores, como por exemplo: Maria A. Bicudo; Jucimara Rojas<sup>19</sup>, Luiz Gonçalves Junior.

Outros pesquisadores denominam que suas pesquisas são apenas de inspiração ou de aproximação fenomenológica, termo que aparece, de modo não predominante, em pesquisas orientadas por diversos autores como: Dante A. Galeffi (inspiração na metodologia de Husserl); Hiran Pinel (inspiração fenomenológica existencial); Heloisa Szymanski (inspirada pela perspectiva fenomenológica existencial heideggeriana); Luiz Gonçalves Junior (qualitativa de inspiração na fenomenologia, com inspiração na fenomenologia existencial); Sueli T. de Abreu-Bernardes (aproximação ao método fenomenológico). Isto indica que muitas investigações não aplicam um método empírico fenomenológico consolidado no campo da pesquisa

---

<sup>19</sup> De acordo com Rojas, Fonseca e Souza (2010), é o caso também das pesquisas desenvolvidas na UFMS na área da Educação.



qualitativa, mas fazem aproximações ao seu modo e entendimento sobre a Fenomenologia. Este dado é não necessariamente negativo, pois possibilita o não engessamento metodológico da investigação, preservando seu potencial de criatividade.

Em relação à caracterização das pesquisas no âmbito próprio da tradição fenomenológica, encontramos as seguintes autodenominações: fenomenológica (referindo-se tanto ao aporte filosófico, como à Fenomenologia Estrutural); fenomenológica hermenêutica; fenomenológica existencial; e fenomenológica existencial hermenêutica.

Observou-se na produção de teses e dissertações brasileiras, na área de conhecimento da Educação, com uso da Fenomenologia, uma maior caracterização da Fenomenologia Hermenêutica, como é o caso da análise do fenômeno situado, desenvolvido principalmente por Maria A. Bicudo e seus colaboradores, em detrimento de uma fenomenológica estritamente estrutural, como é a proposta de Amedeo Giorgi. Por outro lado, há um grande número de trabalhos que referenciam A. Giorgi, que continua sendo a principal referência não brasileira da pesquisa fenomenológica empírica, contudo dificilmente é feito de modo exclusivo, normalmente ele é associado a outros autores, muitos inclusive que apresentam uma perspectiva hermenêutica.

A proposta de uma fenomenologia hermenêutica, referenciado principalmente em Heidegger e Ricoeur, estão presentes em trabalhos orientados pelos pesquisadores: Maria A. Bicudo e Heloisa Szymanski. Uma proposta de fenomenologia hermenêutica, referenciada em Heidegger e Gadamer, é realizada nas teses orientadas pelo professor Raimundo Hélio Leite. Já a proposta de uma pesquisa fenomenológica existencial possui uma presença maior nos trabalhos orientados por Hiran Pinel e Heloisa Szymanski.

Destaque interessante deve ser dado aos trabalhos orientados pela pesquisadora Michele Tomoko Sato, por estarem situados dentro da Educação Ambiental, ou em uma Fenomenologia da Educação Ambiental. Desenvolve-se uma metodologia que assume a experiência como elemento fundamental,

permitindo, por exemplo, que a narrativa aconteça em primeira pessoa, além de considerar que este processo traz significativos aprendizados ao pesquisador. O uso do referencial fenomenológico nos trabalhos analisados e orientados por esta pesquisadora, permite integrar, por exemplo, dimensões culturais, educacionais, ambientais e estéticas.

Observou-se também a presença de pesquisas empíricas que articulam a Fenomenologia com outras tradições teórico-metodológicas. Uma pesquisa orientada pelo professor Dante A. Galeffi, para fins de análise de dados, articula a Fenomenologia, a interdisciplinaridade e a Teoria da Complexidade. Em uma das pesquisas orientadas por Hiran Pinel há a articulação da Pedagogia Comparada e a Fenomenologia, em outra há o termo *estudo de caso fenomenológico*, e em uma terceira há uma “proposta discursiva (teórica) fenomenológica existencial de tendência marxista”. Em pesquisa orientada por Graciela Ormezzano há a autodenominação “pesquisa-ação convergente com conceitos do universo fenomenológico”.

Quanto às referências de pesquisa fenomenológica utilizadas nas pesquisas, os livros de Joel Martins e Maria A. Bicudo são os mais citados. Merece destaque dois livros publicados na década de 1980 pelos dois autores: *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação* (Martins & Bicudo, 1983); *A pesquisa qualitativa em psicologia, fundamentos e recursos básicos* (Martins & Bicudo, 1989). Já na década de 1990, 2000 e 2010, Maria A. Bicudo publica outros três livros que se tornam presentes nas bibliografias das pesquisas: *Pesquisa qualitativa em educação, um enfoque fenomenológico* (Bicudo & Espósito, 1994), organizado juntamente com a Prof<sup>ª</sup> Vitória Helena Espósito, também orientada por Joel Martins em seu mestrado e doutorado; *Fenomenologia, confrontos e avanços* (Bicudo, 2000); *Pesquisa qualitativa, segundo a visão fenomenológica* (Bicudo, 2011). Constatou-se a presença significativa de Dulce Mara Critelli, através do livro *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*, publicado em 1996. A autora também foi orientanda de Joel Martins. A pesquisadora tem sido citada principalmente nos trabalhos orientados por Hiran Pinel, Jucimara Rojas e Heloisa Szymanski. A

professora da PUC-SP não aparece como orientadora neste levantamento pois os trabalhos que orientou registrados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (16) são da área da Filosofia e não da Educação, embora tenha sido registrado sua participação em 5 bancas de orientandos de Heloisa Szymanski.

Destaca-se também a presença de Paulo Freire na referência de algumas pesquisas. Embora o autor não traga uma proposta de pesquisa fenomenológica, seu trabalho possui uma característica fenomenológica existencial, sobretudo pela característica dialógica de sua abordagem com influência do filósofo judeu Martin Buber. Paulo Freire aparece, por exemplo, em trabalhos orientados por Heloisa Szymanski, Hiran Pinel e Jucimara Rojas. Com orientação desta última pesquisadora, uma dissertação chega a se afirmar como um “estudo fenomenológico e existencial inspirado em Paulo Freire”.

Entre os autores da tradição filosófica fenomenológica, o mais citado é obviamente Husserl, existindo presença expressiva de Heidegger e Merleau-Ponty. Sobre este último filósofo, Roach (2008, p.4) esclarece que: “a apropriação da Fenomenologia de Husserl no Brasil acontece inicialmente através do pensamento de Merleau-Ponty”. Constatou-se que há particularidades no lugar dado a cada um dos filósofos da Fenomenologia nas pesquisas, havendo diferentes implicações de acordo com a natureza, contexto e objetivo de cada investigação.

## 5. Considerações finais

No percurso percorrido neste artigo apresentamos a caracterização da Fenomenologia na pesquisa empírica, situando seus principais representantes do âmbito internacional e brasileiro. Realizamos, por fim, um mapeamento da presença da Fenomenologia nas pesquisas da área de conhecimento da Educação, registradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

No mesmo sentido do que constatou Silva e Oliveira (2018, p.1438) em seu estudo na área da Saúde, concordamos que no caso da Educação também “há controvérsias entre o que se pode definir como postura fenomenológica

do pesquisador e método”. Silva e Oliveira (2018, p.1438) explicam a diferença:

A primeira envolve a perspectiva do investigador ao longo do desenvolvimento da pesquisa, tratamento e análise das narrativas. Já o método é a opção metodológica do autor para se apropriar e conhecer determinado objeto de pesquisa, segundo as concepções originais da técnica em questão que, nesse caso, advém na teoria do conhecimento.

A intenção deste mapeamento foi trazer base e possibilidades de direcionamento para futuras pesquisas, com um maior aprofundamento analítico, pois como indica Gamboa (2003, p. 395) “a escolha de um determinado método ou técnica de pesquisa esconde opções teóricas, epistemológicas e filosóficas que precisam ser explicitadas”. De modo que a enunciação do método ou postura metodológica não significa que a investigação tenha de fato e estritamente se desdobrado nesse sentido, como identificou, por exemplo, Roach (2008) em seu estudo. Assim, indicamos como instrumental de detecção das lógicas subjacentes às pesquisas, o uso da “Matriz Epistemológica” conforme explanado por Silva e Gamboa (2014).

Em síntese, observou-se um aumento da presença da Fenomenologia nos estudos da área da Educação. Esses estudos assumem a Fenomenologia com grande diversidade, em termos do referencial utilizado e de seus procedimentos. Identificou-se, ainda, que nas pesquisas empíricas há a presença marcante da Hermenêutica como possibilidade de interpretação dos dados, em detrimento de pesquisas fundadas exclusivamente na Fenomenologia Estrutural.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. 21. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANDRADE, Celena C.; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, abr-jun, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013). Acesso em: 10 out, 2019.

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. *Filosofando*: introdução à filosofia. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ALMEIDA, I. S. de; CRIVARO, E. T.; SALIMENA, A. M. de O.; SOUZA, I. E. de O. O caminhar da Enfermagem em Fenomenologia: revisitando a produção acadêmica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 11(3), p.695-699, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47231>. Acesso em: 25 out, 2019.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia, confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani.; ESPÓSITO, Vitória H. C. *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba, SP: Ed. UNIMEP, 1994.

CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Educação. *Forum educacional*, 14 (13), p. 41-61, 1990. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/view/61119>. Acesso em: 05 ago. 2019.

DeCASTRO, Thiago G.; GOMES, William B. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28 (2), p. 153-161, 2011. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 out. 2019.

FINLAY, Linda. Debating phenomenological research methods. *Phenomenology & Practice*, Alberta-Canada, v.3, n.1, p. 6-25, 2009. Disponível em:  
<https://journals.library.ualberta.ca/pandpr/index.php/pandpr/article/view/19818>. Acesso em: 8 ago.2019.

FONSECA, Afonso H. Lisboa da. *Compreensão*. Maceió: no prelo.

GAMBOA, S. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. *Contrapontos*. Revista de Educação da Universidade de Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, v. 3, n.3, set/dez. 2003, p.393-406. Disponível em: <  
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/735>>. Acesso em: 5 out. 2019.

GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas Ciências Humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, Jean; et. e tal. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 386-409.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã: LusoSofia press, 2008.

LIMA, José Antonio. *Joel Martins: ensaio biográfico sobre um educador*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia, fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ, 1989.

\_\_\_\_\_. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.

MIELES BARRERA, María D.; TONON, Graciela; ALVARADO SALGADO, Sara V. Investigación cualitativa: el análisis temático para el tratamiento de la información desde el enfoque de la fenomenología social. *Universitas Humanística*, Bogotá, n. 74, p. 195-225, Dec. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-48072012000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48072012000200010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 9 out. 2019

MOREIRA, Daniel A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ROACH, Eduardo F. Abordagem fenomenológico-hermenêutica e pesquisa em educação: um estudo de vigilância epistemológica. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n.1, p. 198-226, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1024>. Acesso em: 05 out. 2019.

RODRIGUES, Adriano. C. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em Psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. v. 8. n. 4, p. 754-768, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v8n4/1415-4714-rlpf-8-4-0754.pdf>. Acesso em: 5 out. 2019.

ROJAS, Jucimara; FONSECA, Regina B.; SOUZA, Rosana S. Fenomenologia e rigor na pesquisa educacionao: a experiência da UFMS. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4, 2010. Rio Claro-SP. *Anais do IV SIPEQ*. Rio Claro-SP: Unesp, 2010.

SILVA, Rosilda V.; OLIVEIRA, Walter F. O método fenomenológico nas pesquisas em saúde no Brasil: uma análise de produção científica. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p.1421-1441, 2018. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462018000301421&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462018000301421&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, Régis H. DOS R.; GAMBOA, Silvio S. Do esquema paradigmático à matriz epistemológica: sistematizando novos níveis de análise. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 16, n. 1, p. 48-66, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1329>. Acesso em: 26 jul. 2020.

VAN MANEN, Max. Phenomenology of practice. *Phenomenology & Practice*, Alberta-Canada, v.1, n.1, p. 11-30, 2007. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/pandpr/index.php/pandpr/article/view/19803> Acesso em: 10 ago.2019.

**Artigo recebido em: 12/01/2022**  
**Artigo aprovado em: 26/01/2022**  
**Artigo publicado em: 30/04/2022**